

## HEIDEGGER EDUCADOR: ACERCA DO APRENDER E DO ENSINAR

*Roberto Sarainha Kahlmeyer-Mertens\**

**Resumo:** O texto questiona a possibilidade do aprender/ensinar. Investigaremos se a educação e seus conteúdos podem ser considerados *mathematas* (para os gregos: “aquilo que pode ser aprendido”). Apresentaremos as contribuições que Heidegger traz à Filosofia da Educação ao afirmar que todo ensinar é reconduzir quem aprende ao “lugar” de todo aprender. Assim, o aprender/ensinar seria recordar desta instância na qual se constituem os significados capazes de orientar a existência deste indivíduo que aprende.

**Palavras-chave:** Aprender. Ensinar. *Mathematas*. Filosofia da educação.

Heidegger não é um educador. Não, se entendermos por educador um “teórico da educação”. Heidegger<sup>1</sup> é um pensador da filosofia; estando, pois, envolvido com questões específicas e

---

\* Doutorando em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Docente do Centro Universitário Plínio Leite (Unipli). Autor de **Filosofia primeira**: estudos sobre Heidegger e outros autores. Rio de Janeiro: Papel & Virtual, 2004. E-mail: r.kahlmeyer@bol.com.br.

<sup>1</sup> Martin Heidegger: Nascido em Messkirch/Alemanha em 1889. Foi docente da Universidade de Freiburg de 1924-1945, na qual também foi Reitor em 1933. Aluno e assistente de E. Husserl, teve seu nome ligado a escolas como a Fenomenologia e o Existencialismo, foi professor de nomes como H. Marcuse, H. Arendt, H-G. Gadamer, E. Lévinas e H. Jonas. Morreu em 1976.

concernentes a um fenômeno histórico chamado “metafísica”. A metafísica, entre suas muitas conceituações, é a chamada “ciência objetiva da verdade”, procedimento especulativo que visa determinar a verdade das coisas em seu ser. Assim como a maioria dos pensadores, Heidegger esteve envolvido com a atividade docente. Lecionou filosofia: era professor. Ocupou-se com o ensino de filosofia durante toda a vida, ministrando cursos e conferências, inclusive em outros países.

O melhor testemunho de sua aplicação à prática educativa encontramos em textos escritos especialmente para a cátedra (visando o apoio à leitura de seus alunos) ou na forma de preleções.<sup>2</sup> Nesses textos, presenciamos demonstrações da preocupação do autor em adequar seus métodos ao perfil de seus alunos, utilizando uma linguagem didática e imagens acuradamente escolhidas para ilustrar e esclarecer idéias mais abstratas.<sup>3</sup>

Embora considerando isso, é forçosa a pretensão de incluir Heidegger no *rol* dos pensadores da educação, pois, em sua obra, o autor apenas sinaliza, de maneira esparsa, suas concepções pedagógicas; este material ainda seria insuficiente para constituir o *corpus* de uma teoria educacional. Entretanto, tendo sido um pensador da filosofia, e não pedagogo, Heidegger trouxe profundas contribuições para as ditas Ciências Humanas (KNELLER, 1971), inclusive à educação, na medida em que empreendeu toda uma investigação acerca do sentido do ser e da existência do Homem. Seu trabalho possibilitou que certos conceitos fundamentais ao pensamento ocidental pudessem ser pensados a partir de novos paradigmas, permitindo que noções tradicionais como as de razão, sujeito, indivíduo, existência etc, ganhassem nova compreensão e abordagem.

Na educação dita “tradicional”, (centrada em concepções como as de subjetividade, intelecto e conhecimento, pressupondo o indivíduo como algo dado essencialmente) as idéias de Heidegger provocaram

---

<sup>2</sup> As chamadas *Vorlesungen*, modalidade de curso ainda muito usada na Alemanha que consiste basicamente na leitura de um texto do mestre diante da turma. Textos que são usualmente reunidos e publicados após a apresentação do curso.

<sup>3</sup> Características nem sempre observadas em seus tratados e conferências.

transformações capazes de serem observadas naquela que Demerval Saviani (1995) chama de “concepção humanista moderna de Filosofia da Educação”. Esta, por oposição à primeira, pauta-se na vida, na existência, nos afetos e nas atitudes, caracterizando-se como uma postura de leitura da vida e do mundo sem que o indivíduo estivesse afastado como mero espectador. Para essa postura humanista, que se apóia em escolas como o Vitalismo, a Fenomenologia e o Existencialismo,<sup>4</sup> o indivíduo é sempre ator, sendo na medida em que existe, experimentando a si próprio na existência, estando envolvido com o pensamento e sentimentos; já compreendendo o mundo a partir destes sentimentos. Saviani enfatiza estes traços enquanto comenta a apropriação que alguns educadores fizeram a partir dessas idéias. O autor aponta também o conceito que podemos fazer de indivíduo desde esta perspectiva:

Atualmente alguns educadores buscam rever suas posições pedagógicas à luz da fenomenologia e do existencialismo [Husserl, Merleau-Ponty, Heidegger]. [...] registrei de modo explícito essa diferença matriz ao afirmar que a referida concepção admite a existência de formas descontínuas da educação [...] na medida em que, em vez de considerar a educação como um processo continuado, obedecendo a esquemas predefinidos, seguindo uma ordem lógica, considera-se que a educação segue o ritmo vital que é variado, determinado pelas diferenças existenciais ao nível dos indivíduos; admite idas e vindas com predominância do psicológico sobre o lógico; num segundo sentido [mais restrito e especificamente existencialista], na medida em que os momentos verdadeiramente educativos são considerados raros, passageiros, instantâneos [...]. Acontecem independentemente da vontade ou de preparação. Tudo ao que se pode fazer é estar predisposto e atento a esta possibilidade (SAVIANI, 1995, p. 72).

---

<sup>4</sup> Correntes filosóficas de grande vulto no início do século XX junto à filosofia européia, tendo influenciado o restante da produção filosófica deste século. Um exemplo da importância dessas escolas pode ser observado na obra de autores como Paulo Freire, quando, em seu livro **Pedagogia do oprimido**, encontramos notas de rodapé referentes a estes nomes; declarando a influência que o autor brasileiro sofreu do chamado “Existencialismo Cristão”, corrente derivada destas escolas filosóficas (FREIRE, 1983).

Após esta introdução, que teve por intuito apresentar a figura de Heidegger, a importância e ambiência de suas idéias, temos o propósito de pensar, com base em diversas passagens seletas da obra do autor, algumas reflexões sobre a compreensão que o autor faz do aprender/ensinar, buscando pontuar, através de um “enfoque filosófico”, possíveis contribuições de Heidegger para a História da Filosofia da Educação. Este exercício justifica-se por tratar de “conceitos considerados fundamentais” à educação e recorrentes à pauta dos autores da Filosofia da Educação, justamente por constituir seus “princípios”, sendo, pois, “condição de possibilidade” a todo processo, “prática e discurso educacional”.

O texto ocupa-se dos conceitos de aprendizado e ensino a partir da análise que o autor faz do conceito grego de *mathemata*, presente principalmente no livro **O que é uma coisa?** (1962).

Reunimo-nos em torno da “pergunta pela possibilidade do ensino”, questão persistente que um dia se afirma a todo professor comprometido com seu ofício. Buscaremos interpretar esta pergunta como um vocativo e uma boa ocasião para pensar naquilo que fazemos quando estamos em sala de aula diante de nossos alunos. É neste momento singular que devemos deixar se afirmar a pergunta: “É possível ensinar algo a alguém?” Entretanto, esta pergunta não espera uma resposta cabal para si; isto é, um sim ou um não e depois um conjunto de proposições capazes de justificar argumentativamente a opção por sua afirmativa ou negativa, mas um exercício de reflexão que, dando um “passo para trás”, questiona sua possibilidade e o fazer de quem se ocupa dela.

Observa-se que a colocação da pergunta “é possível ensinar algo a alguém?” parece não durar muito, pois, ao invés de a experimentarmos serenamente, logo desconsideramos sua gravidade na busca de uma intelecção lógica seguida de resposta. Daí, passamos a ter novas perguntas derivadas da primeira por decomposição: o que é ensinar? (sua variante, o que é aprender?) Ensinar o quê? Ensinar a quem? E assim, mesmo antes de experimentarmos radicalmente esses novos questionamentos, novamente nos arvoramos a dar respostas.

É possível, então, que a pergunta pela possibilidade do ensinar seja respondida simploriamente. Afinal, deduz-se que ensinar o que quer que seja é possível, pois, denotativamente, não seria mais que ministrar, de maneira unilateral, conteúdos que o professor previamente possui, ao aluno que ainda não os tem e supostamente necessita. Ou, usando uma linguagem muito celebrada neste início de século XXI:

aparelhar os indivíduos com os instrumentos necessários para a assimilação das muitas informações produzidas por esta nova Era, possibilitando aos indivíduos a orientação para a plena realização de seus projetos e desenvolvimento individual.

Isto faz com que a atividade docente se reduza a uma instrução, ou seja, uma transferência de informações e procedimentos.

Este modo de conceber o problema é o mesmo que reputa supérflua a pergunta pela natureza do aprender/ensinar. Questão que, uma vez colocada, transgrediria as normas do bom senso acadêmico e da metodologia pragmática, tão prezada pelas atuais correntes da educação. Afinal, parece ser mais claro que o ensinar é possível. Contudo, esta pressuposição (a qual não deixamos de ter, caso contrário não seríamos professores) adquiriu com o tempo uma rigidez que, por vezes, impossibilita o professor de rever o fazer que lhe é próprio, questionando seu modo de ser.

O exercício que propomos, do modo com que questionamos, vem perguntar pela autêntica possibilidade da educação, pensando este problema a partir do aprender/ensinar. Presumimos que a condução desta idéia deverá descortinar adiante o sentido da educação, cuja possibilidade de aprendizado e ensino parte da requisição colocada por Heidegger, segundo a qual, o que quer que possa ser ensinado, deve ser necessariamente *matemática*.

Entendemos *matemática não* como a ciência que investiga as relações abstratas entre entidades numéricas, capazes de ser observadas a partir de suas operações lógicas, mas como Heidegger nos descreve, segundo sua compreensão primeira junto aos gregos antigos:

O “matemático”, segundo a origem etimológica, resulta do grego *tá mathemata*, o que se pode aprender e, ao mesmo tempo; em consequência, o que se pode ensinar. *Manthanoein* significa aprender. *Mathesis* significa lição e, na verdade, num duplo sentido: lição no sentido de “ir a uma lição e aprender” e lição como “aquilo que é ensinado”. Ensinar e aprender são aqui tomados num sentido lato e, ao mesmo tempo, essencial, não no sentido estrito tardio, utilizado na escola pelos doutos (HEIDEGGER, 1987, p. 76).

É segundo esta compreensão de matemático que deve ser entendido o conhecido lema do Liceu de Platão, que traz inscrito em seu pórtico o seguinte: “Afastese daqui quem não sabe matemática” (sic). De acordo com essa nova acepção apresentada no comentário acima, a epígrafe platônica poderia ser interpretada como: “Afastese daqui quem não sabe aprender”. A afirmativa de Heidegger remonta a isto, mais que a uma restrição aos não hábeis em efetuar cálculos, apresentando a matemática como um pré-requisito para quem deseja, efetivamente, aprender o que quer que seja.

Ao conceito de *mathemata* são atribuídas muitas determinações, algumas bem específicas, as quais enumeramos apenas as principais: a) **coisas físicas**, na medida em que se dão por si mesmas; b) **coisas produzidas**, que chegam a nós através do trabalho do homem; c) **coisas no uso**, sendo, pois, os instrumentos, ferramentas, aparelhos utilizados para auxiliar a execução de ocupações e tarefas. Este último enfatiza o aspecto de prática (*práxis*), no sentido de ação, exercício ou uso situacional, servindo mesmo como suporte para as demais compreensões de *mathemata* (HEIDEGGER, 1987).

Notemos que todas as determinações da *mathemata* possuem algo em comum, dizem respeito ao modo de ser das coisas em uma determinada perspectiva; ou seja, já desde uma orientação das coisas, desde um modo de aprender. Neste momento, é preciso que confirmemos nossos termos, à guisa de uma compreensão segura do problema:

*Mathesis* significa aprender; *mathemata*, o que se pode aprender. De acordo com o que foi dito, as coisas são visadas com esta designação, na medida em que se podem aprender. Aprender é um modo de aprender e do apropriar-se (HEIDEGGER, 1987).

O que Heidegger pretende apontar com essa passagem é que aprender, em sentido rigoroso, não é tomar as coisas como suas, prontamente (isto é, em um momento não se conhece um objeto, e no momento seguinte, após ter sido experimentado este objeto, passa-se a tê-lo como empiricamente conhecido). Para nosso autor, a relação com o objeto do aprendizado dá-se a partir de um exercício; nisso fica marcado enfaticamente o caráter prático do aprender como um dos sentidos do *mathemata*, exercício que conduz quem aprende a aprender a apreender (*sic*).<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Com esta consideração, Heidegger marca posição frente a autores da educação que teorizam sobre o modo com o qual ocorre o processo do aprendizado. Autores cujo breve contraponto nos parece oportuno para comparações eventuais. Comenius talvez seja a primeira figura da História da Educação a afirmar algo sobre a natureza do aprendizado. Para este autor [um monge luterano formado à luz dos dogmas do texto bíblico], o indivíduo tem sua natureza inicialmente perfeita; criado à imagem e semelhança divina. Pela desobediência a Deus [pecado original] o homem decai deste estado, assumindo para si a instabilidade e a desarmonia, passando a ter, doravante, a tarefa de “conquistar a cada instante” o estado perfeito do momento da criação. Para Comenius, o aprender é o veículo que viabiliza esta recondução à natureza perfeita criada por Deus, posto que “Um dos primeiros ensinamentos que a Sagrada Escritura nos dá é este: sob o sol não há outro caminho mais eficaz para corrigir as corrupções humanas que a reta educação da juventude” (COMENIUS, 2002). Outra figura importante a esta temática é Lev Vygotsky. Para este autor, o aprendizado é produto de uma relação constante e ininterrupta com o mundo, o que colabora para endossar sua convicção de que o modo com que cada indivíduo apreende o mundo é singular. Jean Piaget enxerga o aprender através da relação do indivíduo com o mundo, edificando uma subjetividade composta por faculdades cognitivas em constante desenvolvimento construído na experiência (ARAÚJO apud PELLEGRINI, 2001). A mesma pressuposição aparece em Gardner, quando este autor “cartografa” o indivíduo que aprende, propondo diversos tipos de inteligências capazes de comandar habilidades diferenciadas em cada indivíduo, investigação que atualmente se expande, apontando novas múltiplas inteligências e enfocando a educação para o século XXI. A concepção que Heidegger tem do aprender tem pontos de semelhança com a visão construtivista da educação piagetiana, posto que o autor acredita que “O autêntico pensar não pode ser apreendido nos livros. Também não pode ser ensinado, se o mestre não continuar sendo um discípulo até a velhice” (HEIDEGGER, 2001, p. 251). Esta proposição parece tanger aquelas que reconhecemos como as quatro principais teses do modelo construtivista, que seriam: 1. Aprendemos a partir da experiência dada na situação de aprendizagem, mas também do sentido dos conhecimentos prévios; 2. Apreendemos organizadamente fazendo a distinção entre *conhecimento declarativo* (aprender “o quê”) e *conhecimento processual ou procedimental* (aprender “como”); 3. O indivíduo que aprende tem a responsabilidade em ocupar-se de sua própria aprendizagem; 4. quem aprende constrói seu aprendizado de maneira ativa, reconduzindo-se a suas referências prévias, à identidade do que é apreendido (SEQUEIROS, 2000).

Assim, quando aprendemos o que quer que seja, já o fazemos desde a recondução do aprendido a um sentido que lhe é próprio, e que de antemão possuíamos, ou como Heidegger nos assegura:

Na verdade, este “tomar conhecimento” é a essência autêntica do conhecer, a *mathesis*. As *mathematas* são as coisas, na medida em que as tomamos no conhecimento, enquanto tomamos conhecimento delas, como aquilo que verdadeiramente já sabemos de modo antecipado: o corpo como corporeidade; na planta, a vegetabilidade; no animal, a animalidade; na coisa a coisa etc. Este verdadeiro aprender é, por consequência, um tomar muito peculiar, um tomar no qual aquele que toma, toma, fundamentalmente, aquilo que já tem. A este aprender corresponde, também, o ensinar. Ensinar é um dar, um oferecer; no ensinar, não é oferecido o ensinável, mas é dada somente ao aluno a indicação de ele tomar aquilo que já tem (HEIDEGGER, 1987, p. 79).

Aqui, Heidegger aponta que o aprender/ensinar dá-se em um tipo de relação com as *mathematas*, capaz de estabelecer uma identidade entre “quem aprende e o que é aprendido”. É isso que Heidegger quer dizer quando afirma que ensinar é indicar a quem deseja aprender aquilo que já se tem. Daí, a tarefa premente de quem ensina (do professor) é “oferecer a oportunidade de o aluno reconhecer em si esta identidade fundamental e como a mesma se dá”. Pois, o ensinar, segundo Heidegger, nada mais é do que provocar o aluno a descobrir um sentido próprio a si e à própria necessidade do seu aprender.

O conceito de sentido é caro ao pensamento de Heidegger, pois, para este autor esta experiência diz respeito ao contexto no qual se mantém a possibilidade das coisas se darem em seu ser. Do mesmo modo, sentido é o que orienta o horizonte de realização de um indivíduo, na medida em que este revela uma perspectiva própria a seu projeto existencial através da qual construirá seu acesso ao aprendizado.

O ensinar, então, torna-se a tarefa heurística que revela sentido, que faz com que o aprender tenha sentido, daí: “dizer que o ente tem sentido significa que ele se tornou acessível em seu ser, que só então, projetado em sua perspectiva, ele propriamente tem sentido” (HEIDEGGER, 1996, grifos do autor).

Estamos convencidos de que nisso reside a compreensão mais própria do aprender/ensinar, tal qual nos expressa o termo latino *educare*, que em sua etimologia indica um “trazer para fora”, um “tirar de...”; depois, acumulando também o sentido de criar. Constatação que, por si só, ratifica a improcedência do modelo de professor enquanto aquele que possuiria a mera tarefa de ministrar conteúdos, tal como mencionamos anteriormente. Pois, para Heidegger:

Quando o aluno recebe apenas qualquer coisa oferecida, não aprende. Aprende pela primeira vez, quando experimenta aquilo que toma como sendo o que, verdadeiramente, já tem. O verdadeiro aprender está, pela primeira vez, onde o tomar aquilo que já se tem é um dar a si mesmo e é experimentado enquanto tal [sentido]. Por isso, ensinar não significa senão deixar os outros aprender, quer dizer, um conduzir mútuo até a aprendizagem. Aprender é mais difícil do que ensinar; assim, somente quem pode aprender verdadeiramente – e somente na medida em que tal consegue – pode verdadeiramente ensinar (HEIDEGGER, 1987, p. 79-80).

Segundo o autor, o aluno não aprende verdadeiramente o que lhe é transferido, pois isto não lhe diz respeito, pois isto não faz sentido. É preciso, portanto, que o aluno esteja ocupado na tarefa de descobrir um sentido próprio a si. Cuidando, portanto, por aprender a colocar-se numa perspectiva através da qual lhe seja possível aprender verdadeiramente desde sua existência individual. Pois, somente assim o aprendizado é autêntico.

Nesses termos, ainda segundo a citação de Heidegger, o professor diferencia-se do aluno somente por ter diante de si, de maneira mais clara, o aprender em sua forma mais autêntica; daí outra afirmação do mesmo autor: “Em todo ensinar, professor é quem mais aprende” (HEIDEGGER, 1987).<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Esta proposição de Heidegger se assemelha a certas assertivas que Paulo Freire (1983) faz em muitos momentos de sua obra. Freire certamente concordaria com esta proposição heideggeriana, contanto que permanecesse resguardada a ambivalência deste professor que aprende enquanto educador-educando, na medida em que o professor é que mais aprende por também está aberto a aprender com seus alunos, processo que o autor alemão chamou de “um conduzir mútuo até a aprendizagem”.

Aprender/ensinar é, segundo Heidegger, reconduzir-se a um lugar no qual se pode descobrir um sentido próprio ao indivíduo que aprende, ao que é aprendido de maneira temática (e até mesmo curricular) sem, contudo, perder de vista seu sentido originário; possibilitar um sentido orientador da perspectiva de sua existência do indivíduo. Em vista disso, ensinar é ensinar uma “postura”, é ensinar o aluno a se reportar ao *ethos* de todo aprender, é dar através de um relato a indicação que conduzirá o aluno ao seu aprender. Por isso, só faz sentido ensinar quem está pré-disposto a aprender, ou seja, a ouvir o tal relato. Pois tal relatar atinge apenas aquele que um dia experimentou a possibilidade fundamental de apreender um sentido próprio a si.

Todas estas proposições sobre a natureza do aprender/ensinar talvez se resumissem ao que Heidegger, parafraseando Nietzsche, chama de:

Saber-se de si fora do vulgar: tornar-se sabedor de si mesmo, não só como indivíduo, mas como humanidade. Reflitamos, recordemos: percorramos os pequenos e os grandes caminhos (NIETZSCHE apud HEIDEGGER, 1987, p. 48).

À guisa de conclusão, é preciso considerar que muitas das idéias contidas neste texto possuem relação com diversos conceitos do pensamento de Heidegger (não abordados aqui de maneira rigorosa), principalmente no período em que o autor está envolvido com a “analítica existencial”, investigação empreendida na obra **Ser e tempo** (1927). No referido, presenciamos as noções de existência, “ser-no-mundo”, “ser-com-o-outro”, “ser-junto”, “ocupação”, “preocupação”, “sentido” e, ainda, a noção de “cuidado”. Esta última explorada por diversos autores que tentam pensar as implicações éticas deste conceito (HODGE, 1995). A reflexão sobre “Filosofia da Educação” empreendida aqui aponta para um desdobramento futuro, ainda em fase de pesquisa, que busca pensar o conceito de cuidado neste mesmo âmbito.

## HEIDEGGER, THE EDUCATOR: ON LEARNING AND TEACHING

**Abstract:** The aim of this essay is to question the possibility of learning/teaching. For that purpose, we will investigate if education can be considered *mathematas*. We will present Heidegger's contributions to the Philosophy of Education, when he states that all teaching process reconstitutes the one who learns to the "place" of learning. Thus, the learning/teaching process would be the remembrance of instances in which the whole group of meanings enable the existence of the one who learns.

**Keywords:** Learning, Teaching, *Mathematas*, Philosophy of education.

### Referências bibliográficas

COMENIUS, Jan Amos. **Didática magna**. 2. ed. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HEIDEGGER, Martin. **Que é uma coisa?** Tradução de Carlos Morujão. Lisboa: 70, 1987.

\_\_\_\_\_. **Being and Time**. Tradução de Joan Stambaugh. New York: State University of New York Press, Albany, 1996.

\_\_\_\_\_. **Seminários de Zollikon**. Tradução de Gabriella Arnhold e Maria de Fátima de Almeida Prado. São Paulo: Educ; Petrópolis: Vozes, 2001.

HODGE, Joanna. **Heidegger e a ética**. Tradução de Gonçalo Couceiro Feio. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

KNELLER, George F. **Introdução à filosofia da educação**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

PELLEGRINI, Denise. Aprenda com eles e ensine melhor. **Nova Escola**, São Paulo: Abril, n. 139, ano 16, p. 19-25, 2001.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia** – polêmicas de nosso tempo. Campinas: Autores Associados, 1995.

SEQUEIROS, Leandro. **Educar para a solidariedade** – projeto didático para uma nova cultura de relações entre povos. São Paulo: Artmed, 2000.